

Masculinidades

teoria, crítica e artes

organização

Fernando Marques Penteadó

José Gatti

 Estação
das Letras
e Cores

13. CAÇA ÀS BRUXAS NO BANHEIRÃO

William E. Jones

Tradução: Maria Girardello Gatti

I. “[...] é lógico considerar que este não é nenhum fenômeno isolado, mas talvez seja o primeiro lugar em que isso foi tão chocante e autenticamente documentado.”

editorial anônimo do *Mansfield News-Journal*, 22 de agosto, 1962.

Ao longo de três semanas do verão de 1962, a cidade de Mansfield, Ohio, produziu um filme de uma hora de duração de homens fazendo sexo num banheiro público. Produzido com intenção de ser utilizado como evidência num tribunal de justiça, o filme sem título foi assim o único do seu tipo a alcançar um público maior. O Departamento de Polícia de Mansfield divulgou seus esforços em desenvolver novas técnicas investigativas e produziu o tutorial *Camera Surveillance* sobre câmeras de vigilância com partes daquelas filmagens. Nenhum outro departamento de polícia seguiu o exemplo daquele de Mansfield. A operação exigia mais dinheiro (por película e equipamento) e mais mão de obra (por horas de trabalho de vigilância) do que qualquer cidade se disporia a gastar com a busca por infratores ligados a um crime não violento. Até policiais que admiravam as habilidades da polícia de Mansfield devem ter se perguntado por que aquele departamento havia se esforçado tanto para prender e

condenar um grupo de homens que faziam sexo entre si. Mansfield processou seus casos apenas alguns anos antes da descriminalização da sodomia, que primeiro aconteceu em Illinois e depois em vários outros estados, incluindo Ohio.



Um singular conjunto de circunstâncias tornou possível a produção desse filme. No começo daquele verão, um homem chamado Jerrell R. Howell havia molestado duas meninas num parque de Mansfield. Quando as meninas tentaram escapar, foram pegas e pisoteadas até a morte. A polícia o prendeu dentro de poucas horas, e ele logo confessou o crime. Num gesto provocador, provavelmente calculado para que outros fossem pegos junto com ele, Howell zombou da polícia por não saber do que se passava no centro da sua própria comunidade. Ele disse que recebera seu primeiro boquete – supostamente o ato que teria iniciado sua carreira criminosa – no banheiro masculino abaixo do Parque Central de Mansfield. Esperando difundir a ira do público por um crime selvagem e jogando com o que era então uma crença popular sobre a conexão entre pedofilia e homossexualidade, o chefe de polícia Clare Kyler decidiu caçar “desviantes sexuais”. Nessa atmosfera de alta vigilância, um vigilante em especial, Richard Wayman, se dispôs a ajudar a polícia, e sua contribuição foi crucial.

Wayman, diretor de uma organização sem fins lucrativos chamada Highway Safety Foundation (Fundação de Segurança Rodoviária), doou rolos de filme e ofereceu as câmeras da fundação para a polícia de Mansfield, para uso em sua operação de vigilância. A Highway Safety Foundation havia alcançado notoriedade por produzir e distribuir filmes educativos que mostravam imagens sangrentas de acidentes de carro. Exibições dessa carnificina eram feitas com a intenção de amedrontar jovens espectadores para que dirigissem com cuidado. A mais completa história da organização pode ser vista no documentário de Bret Wood, *Hell's highway* (2003).

O papel de Richard Wayman na Highway Safety Foundation, seu caráter e suas motivações, assim como o declínio da organização, permanecem controversos até hoje. O ex-chefe de polícia de Mansfield John Butler defende Wayman em seu livro de memórias, *The best suit in town*. Ex-investigador particular e jornalista de Mansfield, Martin Yant conta em seu livro, *Rotten to the core*, uma história muito menos elogiosa (tanto Butler quanto Yant são entrevistados em *Hell's highway*, e sua absoluta discordância é uma das melhores passagens do filme). As variadas interpretações sobre as atividades de Wayman diferem tanto que é impossível formar uma impressão precisa sobre ele. Ao que parece, o próprio Wayman preferia que assim fosse. Ele parecia combinar medidas equivalentes de aspectos de dois grandes "tipos americanos": o cidadão preocupado e o homem fidedigno.

Wayman tinha insônia e era um fotógrafo amador que, como uma espécie de Weegee próprio do meio-oeste,¹ escutava a rádio da polícia e saía com os oficiais em suas chamadas. Seu principal interesse eram acidentes de carro, e eventualmente ele obtinha permissão para visitar cenas de batidas macabras. Quando interrogado sobre as relações especiais de Wayman com os oficiais em *Hell's highway*, John Butler respondia economicamente e com ares de impaciência que "simplesmente gostava da polícia". O tom de Butler sugere uma vontade de esconder suas exceções às regras do departamento em benefício de Wayman, que como civil não poderia andar em carros da polícia. Talvez o tom de Butler revelasse ainda algo a mais: que sabia como parecia estranho o comportamento do seu amigo, para quem o via de fora. Nos anos que se seguiram desde que Wayman marcou sua atuação em Mansfield, Butler teve tempo para refletir sobre os impulsos por trás das atividades de seu amigo, e podem ter surgido dúvidas sobre a pureza dos motivos de Dickie Wayman.

¹ Weegee era o pseudônimo de Arthur Fellig (1899-1968), fotógrafo que registrava crimes e acidentes das ruas de Nova York. (N. T.)

Com o equipamento emprestado de Wayman, o oficial da polícia de Mansfield Bill Spognardi, auxiliado pelo oficial Dick Burton, fotografou atividades do banheiro do Parque Central por trás de um espelho de duas faces. O reflexo de Spognardi é visível nesse espelho durante intervalos do filme, especialmente quando a cena é escura. Spognardi era o responsável pelas decisões cinematográficas: ângulos de câmera (bastante limitados, já que estava escondido num espaço confinado), movimento de câmera, e duração das tomadas. Marcações nos negativos indicam que ele expôs apenas um rolo de filme de 100 pés, com duração de 2 minutos e 45 segundos, por dia. O elemento de escolha – de Spognardi – tem uma importância ainda não mencionada sobre o caso. O câmera frequentemente filmava atividades que ele pensava que levariam a atos sexuais, mas que não levavam; algumas vezes ele filmava outros momentos que simplesmente chamavam a sua atenção. O filme inclui imagens de homens penteando seus cabelos e lavando suas mãos, assim como a de um homem posicionando um rádio portátil à procura da melhor recepção. Também há imagens de crianças, incluindo um menino que pega um jornal de dentro de uma lata de lixo, e meninos se escondendo para fumar cigarros. O treinamento de Spognardi o havia preparado para ver evidências de abuso infantil. Quando um homem numa cabine sanitária se expôs para um dos meninos, a investigação chegou a conclusões precipitadas. Spognardi não conseguiu filmar essa violação, pois a sua posição não lhe dava uma visão clara de dentro das cabines. O crime mais sério – o tipo de ato que a polícia esperava filmar, aquele que envolvesse uma criança – permaneceu portanto invisível.

Aquilo que está ausente do filme editado pela polícia manifesta um fascínio próprio. O oficial Spognardi não registrou as horas de tempo morto; as fugazes conversas entre homens em busca de sexo; e muito possivelmente as atividades de homens que ele conhecia mas que preferia não comprometer, ou homens muito poderosos para incriminar. Não há o ângulo inverso: não há imagem da reação do câmera diante dos homens que se tocam enquanto ele os observa despercebido. Em alguns momentos o filme revela indiretamente essa reação. É o caso do momento em que um jovem de camiseta branca especialmente atraente abaixa suas calças para um homem num cubículo do banheiro, e a câmera se mexe freneticamente, para cima e para baixo. Em algumas ocasiões, é possível identificar no espelho a imagem de Spognardi lambendo os seus lábios.

A reação de Spognardi ao que ele filmava poderia levar alguns a concluir que ele era gay. Nada estaria mais distante da verdade. Na Mansfield de 1962, só um homem que se considerasse normal sob todos os pontos de vista se per-

mitiria participar de um enredo tão elaboradamente perverso. Naquele tempo e lugar, nenhum homem gay se sentiria seguro o bastante (ou seguro o bastante em seu ódio para consigo mesmo) para usufruir desse nível de cumplicidade com as autoridades. Em Mansfield, a reputação de um homem não resistiria a especulações, nessa cidade que estava longe de ser o que eram a Washington de J. Edgar Hoover ou a Nova York de Roy Cohn. É claro que até homens que se sentem completamente normais se deixam levar pela curiosidade de vez em quando, e houve muitos policiais infiltrados que, como Mae West, resistiriam a tudo, exceto à tentação. Nas palavras do promotor, "mandar policiais uniformizados ou à paisana ao banheiro para observações frequentes não produziu resultado algum". E sobre esse tópico – os pensamentos e sentimentos de um homem num armário filmando outros homens se masturbarem e transarem –, não podemos falar daquilo que não sabemos.

II.

"O pervertido sexual, em sua forma mais inócua [sic], é muito frequentemente considerado meramente um indivíduo desviado que nunca machuca ninguém além de si mesmo."

narração de *Camera surveillance*

A questão sobre quem era de fato gay entre os suspeitos do banheiro masculino do Parque Central é tal que, independentemente da quantidade de provas visuais de sodomia, é provável que nunca será respondida com certeza. Até um terço dos homens que foram presos era casado, e a maioria tinha filhos. Ainda assim, outros ainda deviam se relacionar sexualmente apenas com homens, mas detestariam se autodenominarem gays. Para espectadores modernos, é difícil, se não impossível, encontrar homens gays assumidos nesse filme de atividades sexuais, mas parece que foi bem mais fácil para as autoridades que lidaram com esses homens em pessoa e naquele momento. É bem provável que eles destacassem qualquer um que agisse como "um indivíduo desviado"² (para usar as palavras do narrador anônimo de *Camera surveillance*) para que recebesse um tratamento especialmente severo.

² Queer, no original. (N. T.)

Se alguns suspeitos não tiveram trégua, outros se livraram de maneira relativamente mais fácil. Otho Thomas, um homem afro-americano que tinha 48 anos na época da sua prisão, contestou o direito do Estado de processá-lo e perdeu em apelo ao Supremo Tribunal de Ohio. Se houve alguém que se pôde considerar um sobrevivente ao flagra do banheiro³ com a reputação intacta foi Otho Thomas. Ele era um homem casado, e permaneceu casado com a mesma mulher, morando na mesma casa, até muito tempo depois da sua prisão. Era diácono da igreja em 1962, e voltou a tornar-se diácono após seu período de liberdade condicional. Morreu em Mansfield, aos 93 anos de idade.⁴ Embora Otho Thomas pareça ter tido uma experiência de ruptura menor em sua vida pessoal, ele, entretanto, serviu sua sentença completa: um ano e seis dias, inicialmente na Penitenciária de Ohio e depois na Instituição Correcional de Mansfield.

Ao compararem-se as fotos de identificação do aprisionamento, as provas filmicas na íntegra e os registros de prisioneiros da Penitenciária de Ohio e da Casa de Correção do Estado, pode-se identificar dois homens pelo nome: Vernon Sheeks e Roger Pifer. Nesses dois casos, os registros de prisão têm rostos, além de nomes e números, associados a eles. Ambos os homens receberam sentenças severas. Um, com uma óbvia justificativa legal; o outro, sem nenhuma.

De todas as prisões, o caso de Vernon Sheeks serviu de exemplo, já que "provava" a conexão que a polícia insistia em fazer entre abuso infantil e homossexualidade. Ele tinha 51 anos de idade e era solteiro na época de sua prisão. Sheeks fora preso acusado de perversão sexual em Los Angeles dezessete anos antes, e havia recentemente sido libertado após um período de quatro anos na Penitenciária de Ohio por ataque a um menor de idade. As filmagens mostram Sheeks fazendo sexo anal com dois homens. Diferentemente do resto dos suspeitos, ele foi preso por duas acusações de sodomia, recebendo uma sentença de dois a quarenta anos na prisão. Após sua condenação, ele foi detido como psicopata no Hospital Estadual de Lima por quase dois anos. Ele então cumpriu cinco anos e meio de encarceramento, primeiro na Penitenciária de Ohio e depois na Casa de Correção de Mansfield. Vernon Sheeks foi o último

³ *Tearoom*, no original. Escolhemos o termo "banheiro" por sua pertinência no jargão gay contemporâneo do Brasil. (N. T.)

⁴ Estas informações vêm de Kevin Jerome Everson, que entrevistou pessoas de Mansfield, sua cidade natal, em 2007. Ele encontrou uma série de homens mais velhos que sabiam sobre o banheiro do Parque Central, mas nenhum admitia ter estado dentro do local, por medo de serem rotulados como gays.



homem preso nesse caso do banheiro de Mansfield a ser liberado da condicional, em dezembro de 1971, mais de nove anos após a sua apreensão.

Roger Pifer, solteiro de 29 anos na época da sua prisão, não tinha ficha criminal e no entanto foi detido no Hospital Estadual de Lima como psicopata. Foi transferido para o Reformatório Estadual de Ohio na primavera de 1964. Os registros da instituição não contêm mais detalhes sobre sua sentença, mas se ele foi detido imediatamente após a condenação, passou um ano e meio em tratamento psiquiátrico. Após ser considerado, por um psiquiatra do Estado, um indivíduo são o bastante para integrar a população comum da prisão, Pifer cumpriu sua pena de um ano.

No filme da polícia, há um registro do que fez Roger Pifer para merecer sua punição. Numa ocasião ele iniciou uma conversa, e noutro dia ele ou masturbava a si mesmo ou a outro homem; do ângulo da câmera era difícil determinar qual dos dois. A atividade mais incriminadora capturada na filmagem é quando Pifer faz sexo oral brevemente em Sheeks, um homem que, no filme, é passivo em todos os outros atos sexuais em que aparece envolvido. As visitas de Pifer ao banheiro – duas delas pobremente documentadas e uma terceira quando ele fez sexo oral num agressor sexual recentemente libertado – fizeram por merecer quase três anos de tratamento e encarceramento. Talvez uma confissão durante sua detenção na polícia ou seu comportamento no tribunal tenham piorado a sua situação. Na ausência de alguma explicação melhor, faz sentido concluir que ser *queer* causou problemas para Roger Pifer.

Embora as armações policiais dos casos de Mansfield não estejam completamente documentadas, os registros sugerem disparidades entre as sentenças de vários suspeitos não inteiramente explicáveis por suas condenações prévias. Essas disparidades podem não constituir um padrão. Mas se aceitarmos que ser *queer* – não ser casado, atuar em papel passivo no sexo, talvez confessar um passado gay, rebater a fala do juiz ou meramente parecer meio estranho – levou a sérias consequências em pelo menos um caso, é importante que se considere por que isso aconteceu. O vago termo psicológico “homofobia” parece inadequado para descrever o que foi, de fato, uma estratégia política.

De um ponto de vista mais humano do que aquele de uma empreitada moral ou um joguete da polícia, os aprisionamentos do banheiro de Mansfield têm um aspecto de desproporção grotesca. Com a câmera escondida, os aprisionamentos constantes e um arsenal de editoriais hipócritas, todo o caso, enquanto era justificável aos olhos da lei naquele momento e lugar específicos,

se parece mais com uma amadorística caça às bruxas. Um bando de policiais, com carta branca dada por um público com sede de vingança no luto de um assassinato brutal, ficou à espreita de alguns personagens marginais – perfeitos bodes expiatórios que não tinham como se justificar – e fez um filme sobre suas atividades. Na medida em que esse pesadelo se desdobrou para os participantes, aqueles que exibiram uma aliança de casamento ou apresentaram uma conduta apropriada e humilde receberam a sentença mínima obrigatória – um ano na prisão –, o que já era uma barbaridade. Os homens gays de fato – aqueles que não tinham influência política ou mesmo um bar decente para frequentar; aqueles que sabiam que homem nenhum pode realmente ser tão normal quanto diz ser; em outras palavras, aqueles mais capazes de reconhecer a situação na sua nua estupidez – receberam tratamento psiquiátrico para homossexualidade, seguido de ao menos um ano na prisão, sem possibilidade de condicional. Após séries de remédios psiquiátricos e choques elétricos, esses homens gays deviam ter aprendido a lição: obediência à autoridade na atitude e também no pensamento, se é que ainda conseguiam se lembrar de seus próprios nomes.

III.

“Os banheiros foram fechados depois dessa investigação e mais tarde foram preenchidos de terra.”

The best suit in town, do ex-chefe da polícia de Mansfield John Butler.

Os oficiais da polícia de Mansfield Spognardi e Burton foram praticamente as últimas pessoas a usar o banheiro masculino do Parque Central. Após o local ter sido fechado para o público, eles marcaram as paredes com giz, filmaram um ao outro andando pelo espaço e revelaram o esconderijo do câmara. Um deles colocou o dedo no buraco de espiar entre a primeira cabine e o urinol. Após Spognardi e Burton, o banheiro masculino recebeu alguns outros visitantes no outono de 1962. O promotor William McKay explicou que “Ao júri inicial foi mostrado o referido banheiro. Isso não pareceu ajudar concretamente o julgamento”. Um diagrama de quadro-negro mostrando as posições dos urinóis, as cabines e os homens conduzindo a vigilância foram considerados suficientes para os jurados. Uma vez que o banheiro não tinha mais utilidade para Mansfield, a cidade o destruiu de maneira brusca. As estruturas exteriores foram demolidas, e os espaços subterrâneos foram preenchidos de terra, para que não restasse nenhum vestígio do local dos encontros.

Desde os anos 1960, Mansfield, como outras cidades industriais de Ohio, acabou virando uma cidade fantasma. A maioria das fábricas que antes dominavam a economia de Mansfield está vazia, e a região central que envolve o parque mostra poucos sinais de vida. Hotéis e bancos foram transferidos para a periferia da cidade, próximos à via expressa, Rota 30. Ao que tudo indica, o mundo mudou e deixou Mansfield para trás.

Numa tentativa de atrair visitantes ao centro de Mansfield, a cidade encorajou a construção de monumentos no Parque Central. Memoriais tradicionais dedicados a Johnny Appleseed (morador de Mansfield)⁵ e soldados mártires da Guerra Civil e das guerras mundiais receberam ao seu lado estruturas mais recentes. A poluição visual de tantos monumentos atrai poucos turistas. Aquelas que pegam a saída da via expressa para Mansfield tendem a visitar os jardins formais do Centro Kingwood ou os dioramas berrantes do Museu da Bíblia Viva. Um grande memorial à Guerra da Coreia com a frase "A liberdade não é livre" agora ocupa o chão que cobre os antigos sanitários.

Não há memorial de reconhecimento aos homens condenados nos flagrantos do banheiro, embora esses casos chamem atenção para a cidade até hoje. As pessoas diretamente envolvidas no episódio têm sua maneira de evitar questionamentos mais sérios: contar piadas de mau gosto, se fazer de desentendido, ficar em silêncio. Oficiais da cidade preferem não passar pelo escrutínio daqueles que não veem com bons olhos o zelo de Mansfield em erradicar desvios. Eles ainda não adquiriram o cinismo ou a amnésia que permitiria que transformassem o capítulo mais vergonhoso da história da sua cidade em uma atração. Hoje há passeios acompanhados pelo antigo prédio do Reformatório Estadual de Ohio, onde uma série daqueles presos cumpriu suas sentenças. Quem sabe alguma alma empreendedora veja a visita ao local da prisão do senador Larry Craig em 2007 no aeroporto de Minneapolis⁶ e se comova o bastante para refazer a arquitetura do parque Central, que acomode um memorial do banheiro. Apresentar tal proposta seria um desafio até para o cidadão mais fanático por empreitadas cívicas.

⁵ Nascido John Chapman (1774-1845), foi pioneiro e herói pacifista dos Estados Unidos. (N. T.)

⁶ Senador pelo Partido Republicano que se demitiu em 2007, após envolvimento em escândalo sexual. Foi preso em flagrante por atentado à moral, no banheiro masculino do aeroporto de Minneapolis. (N. T.)

O banheiro do Parque Central de Mansfield foi enterrado, mas não foi esquecido. As cicatrizes associadas a esse lugar ainda persistem, até no próprio terreno. Em um canto do parque, ao lado do memorial da Guerra da Coreia, em frente do prédio que era o Hotel Leland, jaz um círculo de grama morta. A pequena forma geométrica de diâmetro mais ou menos igual à altura de um homem era visível no dia 22 de agosto de 2007, o aniversário de 45 anos das prisões do banheiro. O marco relembra uma frase proferida por Paulette Goddard em *The women*: "Onde cuspimos, a grama não cresce". Esse ponto morto parece o resultado dos homens condenados tomando a deixa de Goddard e protestando no local onde eles caíram na armadilha da polícia. O círculo de grama morta pode desaparecer numa estação, mas por enquanto, serve de marcador de um trabalho de pequena escala na terra, um antimonumento comemorando esses eventos, os mais famosos que já aconteceram em Mansfield, Ohio.

Disponível em: <http://amberwavesofbrain.blogspot.com/2010/06/witch-hunt-at-amateur-hour.html>





William E. Jones conseguiu criar o interesse em diferentes plateias e curadorias com sua obra *Tearoom*. Desde que foi apresentado pela primeira vez, esse vídeo foi selecionado e exibido tanto em um espaço de galeria de arte quanto em festivais de cinema. William gosta dessa ambivalência que a obra desperta, e comenta que no espaço de cinema há frequentemente debates e conversas que discutem a percepção de seu conteúdo, enquanto em uma galeria de arte há uma leitura mais aberta do trabalho, já que o público não precisa estar diante do vídeo durante toda a sua exibição. Um livro com título idêntico, *Tearoom*, publicado em 2008 pela editora 2nd Cannons, contém mais de cem imagens dessa obra, além de textos históricos correlatos aos acontecimentos de Mansfield.

Tearoom já foi apresentado, entre outros, no Whitney Museum de Nova York, no Kunsthalle Exnergasse de Viena, na Ar/Ge Kunst Galleria de Bolzano, Itália, e nos festivais Outfest de Los Angeles, InDPanda International Short Film Festival de Hong Kong, no Anthology Film Archives de Nova York, no Festival Internacional de Cine Independiente de Buenos Aires, e no Mix Brasil em São Paulo.



Tearoom, 2006
Vídeo, colorido, silencioso
56 minutos
Edição de 4, 1 Prova de Artista
Inventário # WJ 06/013

Todas as imagens são cortesia da
David Kordansky Gallery, Los Angeles, Califórnia, USA